

KAIRÓS

Constança Marcondes César
Intituto de Filosofia - PUCCAMP

O eixo da concepção de tempo em Evangelhos Moutsopoulos* é, a nosso ver, o conceito de **Kairós**.

Inspirando-se em Aristóteles, para quem Kairós é "o bem no tempo", "o tempo liberto da necessidade"¹, "o tempo gerador da temporalidade"², Moutsopoulos trata de ver, nessa noção, o "instante propício"³, isto é, o tempo axiológica e dinamicamente considerado, cujos modos de apreensão podem ser apontados: a **constatação** e a **fruição**. Reconstrução do real segundo uma descontinuidade qualitativa, não é uma medida, mas uma "zona modal e nodal" do tempo, "que colore, axiologicamente, a realidade"⁴.

Kairós supõe, então, um domínio onde a temporalidade e o pensamento se encontram, onde o tempo objetivo do mundo encontra a subjetividade do homem. Implica na existência de um **tempo favorável**, mas também na possibilidade de perdê-lo e na necessidade de velar, para não perder.

O tempo designa, para nosso filósofo, um modo de ser. Sua apreensão supõe as categorias estáticas da **homotemporalidade** (simultaneidade) e da **heterotemporalidade** (antes, depois), mas também as categorias dinâmicas do **ainda-não** e do **nunca-mais**. Por isso, fazer projetos implica na intencionalidade, na existência de um instante privilegiado, de um tempo axiológica e **surracionalmente** considerado: **Kairós**.

Substantivado, **Kairós** é o **tempo oportuno**, o instante propício; mas em Moutsopoulos aparece também o adjetivo **Kairicidade**, que nosso autor aplica à criação artística, à obra de arte, e à própria consciência humana. Kairicidade significa, então, ter Kairós, isto é, expressar, no tempo, o **caráter qualitativo**: da criação artística, do nível de realização atingido pela obra e da própria consciência, que no confronto com o mundo traduz valores, humaniza o mundo.

(*) Evangelhos Moutsopoulos foi reitor da Universidade de Atenas. É membro da Academia Internacional de Arte, da Federação Internacional das Sociedades de Filosofia, e preside a Sociedade Helênica de Filosofia. Diretor da Revista **Diotima**, professor conferencista, lecionou nos Estados Unidos e na França e participou de inúmeros congressos internacionais, tendo inclusive visitado o Brasil em diversas ocasiões.

Toda obra de arte é resultado de um projeto, que ativa uma série de criações parciais, cumprindo-se no tempo. A criação artística se atualiza de modo gradual e nisso consiste o caráter kairico (temporal) da criação.

Não existe pois, apenas, o **instante criador** mas também o **tempo** necessário para que o projeto artístico se expresse e complete.

A experiência estética implica sempre em contemplação e experimentação. Contemplar não é apenas ver, mas perceber e julgar⁵; isto é, avaliar segundo um gosto lentamente apurado através do largo contato com obras de arte. Uma obra que surge supõe as categorias do **nunca antes** e do **ainda não**: cria o que **nunca antes** foi criado; precisa de tempo para se expressar, através das diferentes fases da criação (o **ainda não** criado), até o momento em que se apresenta como obra acabada.

Do ponto de vista da contemplação, do público, o caráter kairico ocorre mediante a **atualização**, pelo que contempla, da obra de arte: "a eternidade da obra de arte é a significação qualitativa de sua atualidade axiológica constante"⁷. Kairós reside pois, também no caráter axiológico da obra de arte, ou seja no fato de que esta expressa valores.

A dimensão qualitativa da arte está patente na questão da **verdade** da obra de arte. Independente dos fatos, valor em si, a arte utiliza o acontecimento como pretexto para se expor. Sua verdade é aproximativa e buscada através das diferentes etapas da criação artística, isto é, através do **tempo favorável**. Não é mimetismo do mundo exterior, mas tentativa de tradução, na exterioridade, do pensamento do artista. Assim, a verdade aparece como integridade, unidade e acordo entre o projeto criador e a realização da obra; como **instante propício**, que evidencia tal acordo.

Sua contrapartida é o **falso**, na arte. Nosso autor afirma que a arte expõe a verdade da existência no nível estético e recorre ao **falso** para sublinhar sua verdade. Daí Moutsopoulos distinguir entre o **verdadeiro** e o **correto**, associando à noção de **falso** as de **erro** e **ilusão**. Sua presença, na arte, mostra que esta trabalha com o **verossímil**, podendo, assim, englobar verdade e erro.

Tal questão torna-se importante quando se leva em conta o problema da criação artística: "recorrendo ao falso, sob os aspectos do errôneo e ilusório, a arte afirma sua própria liberdade face à opressão do correto"⁸.

Contudo, o **ilusório** só pode ser integrado à verdade artística quando contribuir à **perfeição** estética da obra, à **verossimilhança**. Por sua vez, o **erro** aparece associado à **liberdade** da criação, à **ruptura** com o percebido como correto e consagrado num certo momento, ao instaurar valores mais amplos.

Assim, tanto o ilusório quanto o errôneo aparecem ligados ao caráter kairico da obra de arte, isto é, à instauração de valores novos. Liberdade e rebeldia: kairós.

A obra de arte rompe com o tempo habitual porque reestrutura a consciência do tempo segundo um vetor qualitativo. Expressa a ação da consciência sobre o tempo, segundo as categorias de **evolução** ou **ruptura**, de morte ou transfiguração⁹.

A **inovação** assim instaurada implica em maravilhamento, em descontinuidade temporal. Tem caráter de insólito, excepcional, inexplicável, fora da norma. Gera inquietude, apreensão, terror, angústia, mas também o maravilhar-se¹⁰.

Ligada à inovação, a categoria do **insólito** assume em Moutsopoulos uma conotação estética, uma vez que implica em ruptura de uma ordem, "fator de irregularidade, desigualdade e anomalia dinâmica"¹¹: kairós.

Na estética do aproximativo que Moutsopoulos propõe, o **quase-belo** e o **quase-feio** são outras categorias importantes. Trata-se de introduzir "categorias estéticas novas, intermediárias"¹², que permitam uma compreensão mais apurada dos aspectos qualitativos do objeto estético. E de estabelecer uma escala de valores que ponha à luz o jogo da consciência estética entre o belo e o não-belo. Tais categorias permitem apreciar obras que, não sendo obras-primas reconhecidas universalmente como tais, realizam, contudo, uma certa perfeição, uma certa beleza. A gradação da obra de arte na escala do **feio**, **quase-feio**, **quase-belo**, **belo** seria estabelecida pelo sujeito que contempla, evidenciando o aspecto qualitativo "da atividade 'kairica' da consciência"¹³.

Uma nova modalidade do tempo esteticamente considerado aparece aqui: não mais o tempo da contemplação, o desenrolar-se no tempo da obra de arte, o tempo da ruptura e do maravilhamento, mas o tempo da **própria consciência contemplante**, o tempo favorável de quem avalia segundo uma escala fina de valores estéticos.

A arte se apresenta tanto como atividade criadora individual, quanto como fruto da cultura e da sociedade. Expressão de um sujeito criador, destina-se a outros, que também contemplam; põe em jogo o individual e o coletivo, na intenção valorizadora. É sempre **humanista**, porque supõe e reflete a condição humana. É **universal**; tem caráter **dialético**, mostrando a dualidade do homem, híbrido de tempo e eternidade, de finitude e de espírito; é **catártica** e promove uma **ampliada autenticidade**; ao abrir novas possibilidades do ser.

Esse caráter essencialmente axiológico e temporal da arte, Moutsopoulos o chama de **kairico**.

Artes de tempo, a poesia e a música ao se desenvolver criam o espaço musical e o poético, puramente estéticos, segundo um ritmo temporal que lhes é próprio. A execução, no tempo, de uma obra musical, coincide com seu espaço. Aqui, como na poesia, a **extensão** tem um duplo significado: espacial e temporal. Ao espaço meramente físico, Moutsopoulos contrapõe o espaço axiologicamente considerado, o espaço estético do **tempo oportuno**.

Assim, "a consciência atualiza uma região espacial longínqua, integrando-a num complexo intencional, definido pelo jogo de duas categorias particulares 'espacio-kairicas' que poderiam ser expressas respectivamente pelas locuções 'ainda não aqui' e 'nunca em parte alguma'"¹⁴.

A kairificação do espaço é pois efetuada através das categorias da **proximidade** e **distância**, na "busca de domínios espaciais conformes às exigências da economia intencional da consciência, em vista da realização de um **optimum** da existência"¹⁵.

Em resumo, **Kairós** refere-se não ao **ser**, mas ao **sendo** do tempo, à mudança, à ruptura ou evolução quanto ao passado.

E também designa a atividade temporal da consciência criadora e valorante, a própria atividade artística que produz alterações qualitativas no cosmos.

Expressão da liberdade do homem, da sua rebeldia e da sua mutação, da angústia e admiração que o caracterizam, **kairós** manifesta-se de modo privilegiado na obra de arte, enquanto esta, instaurando o novo, produz alterações qualitativas no mundo e na consciência dos indivíduos criadores e/ou contemplantes.

Aspectos axiológicos, estéticos, éticos e antropológicos conjugam-se, pois, no conceito de **tempo oportuno**, buscado na remota Antigüidade e atualizado por Moutsopoulos como categoria essencial para a compreensão do homem.

NOTAS

(1) E. MOUTSOPOULOS, A função do Kairós segundo Aristóteles, *Révue Philosophique*, pág. 223.

(2) Id., pág. 224.

(3) Id. Sobre o caráter kairico da obra de arte, Congresso Internacional de Amsterdã, 1964, pág. 115.

(4) Cf. cit (1), pág. 226.

(5) Id., A experiência estética: experimentação e contemplação, pág. 304.

(6) Id., O caráter kairico da obra de arte, pág. 117.

(7) Id., *ibid.*

(8) Id., Do falso na arte, pág. 40.

(9) Id., A arte contemporânea: morte ou transfiguração, Atas do Congresso Internacional de Estética.

(10) Id., *Maravilha e Maravilhamento*, *passim*, 1969.

- (11) Id., O insólito é uma categoria estética? , pág. 193.
- (12) Id., O quase-belo, pág. 40.
- (13) Id., ibid., pág. 44.
- (14) Id., Linguagem e categorias espaciais, pág. 81.
- (15) Id., ibid.